



## O desafio do olhar

*Desalinho*, de Laura Liuzzi

Rogério Pires Amorim\*

Na primeira carta a um jovem poeta, Rilke estimula Franz Kappus a não olhar para fora, a não se aconselhar com ninguém. O único caminho, salienta, é procurar entrar em si mesmo. Laura Liuzzi – entre as coisas e as palavras, ligeiros olhares, rasgos de intimidade, acenos, confissões e sobretudo memórias – demonstra que cada vez mais se consolida como voz em busca de seu espaço no cenário da poesia brasileira contemporânea.

Na leitura desse seu segundo livro, somos incitados a ir por entre os versos. Aceitamos o convite e confessamos a vontade de entrar. Seguimos a anfitriã, como expresso no poema de abertura do livro, “Vontade”:

Entrar em casa sem que a porta  
rangesse, sem que o cachorro  
da vizinha farejasse minha vinda  
sem que o sofá conservasse as  
formas do meu corpo, sem que  
eu precisasse tomar aquele copo  
de água que toca o azulejo e emite

\* Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

um som rouco, sem que houvesse  
corpo. Entrar em casa como  
a música entra nos ouvidos.

O despojamento que esse poema anuncia certamente é uma das tônicas de *Desalinho*, feito de entradas sorrateiras, visadas de soslaio e a delicada elaboração poética de Laura. Além da promessa de intimidade, há o esforço de oferecer a perspectiva do que a poeta aspira, como vemos em “Autorretrato” (“Insiste a interrogação / quando de frente ao espelho: / como pode ser tão diferente / o frontal do perfil?”) e em “Conversa sobre pedras ou Conversa sobre perdas” (“Reconstituir a memória, costurar / não os fatos, mas a reminiscência”).

A matéria poética se organiza no campo insidioso da linguagem trivial e cotidiana. A leveza atravessa o livro, imprimindo um gosto algo melancólico nos poemas mais introspectivos e também naqueles que não o são. Há a impressão de que paira no ar um certo “convite à intimidade”, com a promessa implícita de que, ao termos acesso ao interior da casa e vislumbrarmos seu mobiliário, estaremos no coração de suas questões.

O tema vital com que nos confrontamos é a busca essencial em que todos, afinal, estamos de alguma forma enrodilhados. Voltar-se para dentro de si (como o “coser para dentro” de Clarice), na tentativa de desencaixotar emoções verdadeiras (o relativo no absoluto, a parte no todo que nos habita), é sempre matéria que aflige. Mesmo entre o dia a dia asfíxiante e os sonhos possíveis, poemas como “Retrato de Szyborska”, “Primeira impressão sobre Lisboa” e outros nos dão a desmedida dessa angústia, desse encontro e desencontro. Ainda que, às vezes, o conjunto dos poemas se mostre rico em sua variedade e não aponte necessariamente para uma unidade manifesta.

Os olhos escarafuncham a memória. O olhar parece desejar transpor os limites do tempo e do espaço, ansiando por fixar aquilo que já não podemos ver, aquilo que não podemos mais, de alguma forma, reter. “Temos que nos agarrar / pelos olhos” para tentar recosturar a memória que a noite do tempo desteceu.

A memória, que segundo Walter Benjamin em “O narrador” é “a mais épica de todas as faculdades”, também constitui um dos ramos desse “tronco” – conforme palavras de Armando Freitas Filho na orelha do livro – que é *Desalinho*. A memória se apresenta tanto nos relatos de histórias vividas (“Por alguma memória de dias na praia”) quanto nas referências explícitas, por meio das dedicatórias (“Fio sem fim”, para citar um exemplo). Assim, oferece uma chave de leitura instigante para aprofundar enigmas que os poemas evocam com essas “promessas” de que, dessa maneira, poderemos adentrar o universo da poeta.

O discreto charme da memória, porém, está presente nas referências indiretas. Como exemplo, gostaríamos de citar uma em especial, pois nos dá a dimensão do fulgor dialógico em que Laura descansa seus encontros. Estamos falando do poema “Conselho”, cuja leitura torna impossível nos esquecermos dos versos de “Lua nova”, de Manuel Bandeira. “A reminiscência” – sempre Benjamin – “funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração”.

O campo semântico que incorpora as metáforas utilizadas por Laura para delinear sua relação com o conhecimento do mundo, que também é conhecimento de si, se situa dentro da relação que o olhar evoca. “Esse olhar vigilante”, como diz Aducci Novaes no prefácio do livro *O olhar*, “provoca uma resposta: só existe mundo da ordem para quem nunca se dispôs a ver”. Como sabemos, a memória põe esse olhar em desconcerto.

O fato é que Laura se dispôs a ver até o último poema, “Meditação”, entre a existência e a angústia.

São óculos para encaixar  
a paisagem à paisagem  
violentíssima  
do pensamento.  
Uma mínima mudança  
de posição dos pés  
ou da íris  
uma mudança de grau  
contamina o mundo  
dentro do mundo próprio.

*Desalinho* é um marco na trajetória da poeta, já marcada pela busca de “objetivar o subjetivo”, como disse ainda Armando Freitas Filho. A ideia é tentar organizar o caos do horizonte das angústias, mesmo sabendo que o movimento pode gerar mais desconcerto, mais desalinho. Por isso se diz que, sendo ela própria nas palavras e nas coisas, com ligeiros olhares, rasgos de intimidade, acenos e confissões, sobretudo memórias, Laura Liuzzi se fortalece como promessa da poesia brasileira contemporânea.